

IDENTIDADE REGIONAL NORTE MINEIRA, A CULTURA SERTANEJA*

CARNEIRO, Marina de Fátima Brandão**

“Agora o senhor vem, veio tarde. Tempos foram, os costumes mudaram. Quase que de legítimo, leal, pouco sobra, nem não sobra mais nada” (ROSA, 1985).

Resumo: Este trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações sobre a formação da identidade regional Norte Mineira, tendo como atributos a cultura sertaneja. Neste sentido, buscou-se, na obra de intelectuais diversos, entender os caminhos da construção da identidade regional, cujo resultado aparece como uma unidade revestida de uma essência, a cultura sertaneja que, hoje se apresenta extremamente desestruturada, mas resistindo em muitos lugares.

Palavras-chave: identidade regional; região; desenvolvimento; cultura sertaneja.

Introdução

O Estado de Minas Gerais, possuindo uma área territorial, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 588.383,60 km², apresenta-se, regionalmente, bastante desigual, com uma diversidade fisiográfica, econômica, social e cultural muito significativas. Esta heterogeneidade regional leva à adoção de vários critérios de regionalização visando ações em busca do equilíbrio no desenvolvimento dos diferentes grupos sociais.

* Este trabalho foi elaborado com base no quinto capítulo da minha Dissertação de Mestrado em Geografia Humana pela USP, defendida em 2002 e intitulada “Organização Espacial de Montes Claros e a Região Norte de Minas”, orientada pelo Prof. Dr. André Roberto Martin.

** Professora Titular do Departamento de Geociências – CCH. Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. www.marina.carneiro@unimontes.br

Neste trabalho, será utilizada a regionalização adotada para fins de planejamento estadual mineiro realizada pela Fundação João Pinheiro (FJP) e pela Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral (SEPLAN-MG), tomando como base as microrregiões geográficas (IBGE) e critérios de polarização apresentados à Assembleia Legislativa do Estado de Minas (Projeto de Lei nº 1.590/93), conforme figura 01. Entretanto, adotamos aqui o conceito de região concebido por Martin (1993), que diz ser a região "...um "complexo social-natural" historicamente determinado e inserido num sistema mais abrangente, dotado de certa homogeneidade e identidade que permite distingui-la das demais, e de outras formas de organização do espaço".

Neste sentido, a Região Norte de Minas se particulariza como uma região com identidade própria, especialmente a cultural, muito mais próxima da nordestina do que da mineira.

Caracteriza-se como uma região de transição entre o Brasil úmido e o semi-árido, o Brasil florestal e o de vegetações abertas (cerrados, campos cerrados, caatingas, matas secas, campos de altitude), o Brasil montanhoso e o de superfícies aplainadas, o Brasil densamente povoado e o de população esparsa e o Brasil urbano-industrial e o agrário (CARNEIRO, 2002).



FIGURA 1 - Região Norte de Minas, destacando município de Montes Claros.
(Adaptação: Marina de F. B. Carneiro, 2005)

Fonte: GCEA/MG, GeoMinas – 2000.(Grupo de Coordenação de Estatísticas Agropecuárias em Minas Gerais).

Esta região está inserida em áreas limítrofes da Bahia, ao norte; da região Central de Minas, ao sul; da região Jequitinhonha/Mucuri a leste e da região Noroeste de Minas a oeste. Localiza-se entre os paralelos de 14° e 18° de Latitude Sul e os meridianos de 41° e 46° de Longitude Oeste de Greenwich; ocupando uma área territorial de 128.489,58 km², com uma população de aproximadamente 1.489.213 habitantes, de acordo com o censo de 2000 do IBGE.

Até hoje a história da ocupação e formação do Norte de Minas é pouco conhecida. Ainda são poucas as referências bibliográficas encontradas sobre este tema e a maioria delas apresenta argumentações que privilegiam o plano do econômico, enquanto as abordagens sobre os aspectos ambientais, sócio-culturais e políticos apresentam-se de forma fragmentada e inicial.

Aqueles que se acostumaram à imagem de um Norte de Minas preso num ciclo de atraso e de miséria podem surpreender-se com o dinamismo dessa terra de tradição sertaneja.

A partir da inserção da região Norte Mineira na área de atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, na década de 1960, cujos incentivos fiscais e financeiros propiciaram o seu desenvolvimento, crescimento e modernização, a atividade agropecuária que se mostrava como atividade mantenedora da economia, com forte influência na organização sócio-cultural, cede lugar, a partir de 1970, à industrialização e ao crescimento das atividades de serviços, em nível local e regional. A reversão da base econômica regional ocasionou transformações estruturais em todo o seu sistema ambiental, sócio-econômico e cultural. O processo de urbanização se ampliou, bem como os fluxos entre as cidades do Norte de Minas, já sendo possível observar uma certa hierarquia entre estes centros urbanos. O campo sofreu profundas alterações em função da modernização das atividades agrárias, a exemplo de outras regiões brasileiras, subordinando-se à indústria emergente e ao grande capital.

O significado da modernização aqui exposto implica, sobretudo, na modificação da organização da produção e dos grupos sociais. Alteram-se as relações sociais de produção, da posse da terra, um estreitamento cada vez maior na relação campo/cidade e a degradação dos recursos naturais.

O processo de modernização das atividades produtivas tem se refletido, principalmente, através da intervenção do Estado, do poder local e, até mesmo, do estrangeiro. Isto tem concorrido para a efetivação de mudanças na organização espacial da Região Norte de Minas, configurando um panorama espacial diferenciado de outras regiões mineiras. Na medida em que esse processo de modernização se desenvolve, intensifica e generaliza, modifica realidades conhecidas, a tradição sertaneja, fato que inspirou a realização deste trabalho.

Portanto, este trabalho vê a “região” no imbricamento dos processos da História natural, da História social e da História do pensamento.

Considerando essa premissa, este trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações sobre a formação da identidade regional Norte Mineira, tendo como atributos a cultura sertaneja. Neste sentido, buscou-se, na obra de intelectuais diversos, entender os caminhos da construção da identidade regional, cujo resultado aparece como uma unidade revestida de uma essência, a cultura sertaneja.

Como já exposto, vale ressaltar que, de acordo com Carneiro, G. (1997), não são novas nem inéditas as idéias que foram expostas neste trabalho. Pesquisas, estudos e idéias de outros estudiosos serviram de suporte para a versão final de nossa leitura. Embora não apresente uma abundante citação bibliográfica, ela dirá de alguns que falaram antes de nós.

A formação da identidade regional Norte Mineira, a cultura sertaneja.

Como resultado de seu processo de ocupação e formação, a Região Norte de Minas apresenta uma organização sócio-econômica, política e cultural distinta, com uma identidade definível em relação às outras regiões do Estado e do país. Estruturou-se um modo peculiar de vida a partir da atividade pecuária extensiva que viabilizou o estabelecimento de relações com o ambiente e as populações, bem como a fixação de modos de comportamento dentro e entre localidades. Alguns estudiosos regionais classificam essa maneira peculiar de vivência social como “cultura sertaneja”.

Segundo Aragão (2000), “no sertão do extremo norte mineiro, encontram-se os dois elos fortes e significativos de nossa formação social”, os bandeirantes paulistas, vindos do Sul e, os nordestinos, vindos do Norte. Do encontro dessas duas correntes, somadas aos negros e ao habitante natural da terra, o índio, é que surgiu o homem Norte Mineiro, o sertanejo.

Os homens que se instalaram no Norte de Minas assimilaram os conhecimentos dos indígenas locais, principalmente o conhecimento da fauna, flora e solo, bem como suas utilizações por coleta, caça, pesca, extração e cultivo, para a saúde, agricultura e pecuária, como descrito por CARNEIRO, G., (citado por COSTA, 1997).

Os grandes conquistadores, fazendeiros latifundiários com seus agregados, sertanejos, se estabeleceram ao longo dos grandes rios, se especializaram na criação extensiva de gado para abastecimento dos centros urbanos, do litoral ou de áreas garimpeiras emergentes. Os núcleos de ocupação camponesa (“geraizeiros, vazanteiros e caatingueiros”, conforme Gonçalves, (1997), instalaram-se nas terras mais baixas, às margens dos pequenos cursos d’água e nas encostas mais férteis, onde desenvolveram sistemas de produção auto-suficientes, baseados na explora-

ção das culturas alimentares e de fibras, além da criação de pequenos animais e utilização coletiva das chapadas (cerrados, terras comunais – Gerais) para coleta de frutas, remédios e madeira, lenha, caça e criação de gado.

Trata-se de uma verdadeira civilização que se adentra pelo cotidiano, conformando o universo sertanejo, produzindo uma cultura própria baseada numa relação com a natureza.

Tanto os grandes fazendeiros quanto os camponeses utilizavam as chapadas para criação de gado “na solta”. Solto nas chapadas, o rebanho se constituía como reserva de valor para utilização nas necessidades monetárias do sertanejo.

Os Campos Gerais indicam um modo de uso, um modo de apropriação comum, geral das terras e um tipo de comunidade vegetal. Enormes extensões de terras que não foram apropriadas privadamente e que ensejaram a possibilidade de um sistema de uso da terra que está subjacente à diversidade cultural da região, inclusive, ao seu regime alimentar. E mais, contribuiu de tal forma para moldar a identidade política e cultural de Minas que lhe emprestou seu caráter de Gerais, de acordo com Gonçalves (1997).

Para Chagas (1978), a noção de Gerais vincula-se, também, às grandes extensões do cerrado que ocupam de maneira homogênea os interflúvios das grandes chapadas.

No sertão tradicional o termo “campo” opõe-se ao termo “mata”, uma vez que campo significa áreas onde se cria ou pode criar gado. Já a mata é onde se pratica a agricultura, como nos ensina o professor Ivo das Chagas, acima de tudo um sertanejo nato.

Segundo Gonçalves (1997), “as terras hoje já não são Gerais [...] embora estejam expirando o prazo de 20 anos de muitas das concessões feitas pelo regime militar dessas terras gerais para empresas particulares”, quando da introdução do modelo desenvolvimentista na Região, a partir dos anos cinqüenta/sessenta do século passado.

Em decorrência desta forma de ocupação espacial do território do Norte de Minas, os homens aqui instalados vivenciaram por muito tempo o distanciamento do resto do país.

Era uma população que vivia entregue a si mesma, formando uma rede de solidariedade entre vizinhos e, muitas vezes, reagindo ao mando metropolitano.

O relativo isolamento da Região, mas sua condição de transição entre o Sul e o Nordeste brasileiros, resultou numa estrutura política *sui-generis*, pois ao mesmo tempo em que as elites locais exerciam um comando regional quase que absoluto – a ditadura dos coronéis (fazendeiros e/ou comerciantes), patrimonialista, clientelista e

paternalista – eram, por sua vez, influenciados e, não raras vezes, comandados pelas elites políticas de outras regiões, em especial dos centros de poder de Minas e do Brasil.

Segundo Costa,

assim, o coronel constituiu-se o mediador entre o Estado e o camponês e seu agregado, ao mesmo tempo em que era o próprio Estado na localidade sob o seu jugo”. (...) “Deriva-se daí uma das características marcantes da cultura regional: a violência existente no nível das relações sociais, determinada por relações políticas construídas a partir de uma ótica emotiva. (COSTA, 1997)

Isto terminou por privilegiar a elite regional, pelos centros de poder estadual e federal, que na maioria das vezes não tinham contato direto com o povo que, por sua vez, nunca tinha acesso direto a esses poderes.

Assim, eram contempladas as aspirações dessas elites, mas não as do povo. Essas não tiveram seus interesses feridos, a despeito do modelo desenvolvimentista e modernizador implementado na Região nas quatro últimas décadas.

A industrialização, promovida pelos incentivos fiscais e pelos programas de desenvolvimento, é bastante desajustada às condições locais, correspondendo à integração da Região ao sistema capitalista brasileiro e, ao mesmo tempo, globalizado. O setor agropecuário, relativamente desaquecido, continua como atividade de fundamental importância regional, enquanto o comércio se fortalece. Contudo, as desigualdades sócio-econômicas tornam-se cada vez mais acentuadas em função desse modelo de desenvolvimento extremamente conservador e concentrador, que privilegiou as elites locais, reforçando as suas relações de poder.

As formas de atuação do Estado foram modificadas através da presença de órgãos e instituições que exercem suas atividades com mais intensidade no cotidiano regional, reforçando os antigos compromissos entre as elites locais e o governo estadual e o federal.

Para Costa,

... a cultura sertaneja expressa-se, atualmente, em tais níveis diferenciados, opostos entre si: por um lado a existência do mundo tradicional – nas liminaridades do sistema, frouxamente vinculado à lógica capitalista de produção – e, por outro, o mundo urbano que chegou gerando rupturas. Devido ao caráter personalista que continua sendo a base da sociedade, os atores sociais sertanejos foram capazes de reestruturar os laços tradicionais que as uniam em novas formas de solidariedade, propiciando o surgimento dos políticos profissionais travestidos como novos coronéis. (COSTA, 1997)

Articulando-se interna e externamente, apesar do tal “isolamento” ou, até mesmo por causa dele, os homens desta região construíram uma identidade própria e uma cultura singular – a sertaneja, fruto da relação estabelecida com a terra e com a natureza. Tratados como parceiros na reprodução da vida, constituíram coletivamente e viabilizaram um “modus vivendi” que proporcionou uma visão de mundo inteira e integrada – holística, expressando-a no principal valor cultural: a solidariedade, através da parentela, bem como por relações de vizinhança e compadrio.

A cultura, aqui denominada sertaneja, será o resultado da mistura de modos de comportamento, relações, saberes e fazeres de etnias diferenciadas que se colocaram em contato no território Norte Mineiro, bem como as transformações verificadas, com o passar do tempo, em função das articulações das populações existentes com homens de outras regiões.

Portanto, o termo “cultura” aqui se refere a todas as relações estabelecidas pelos homens entre si e com o ambiente em que se acham geográfica e temporalmente localizados.

Refere-se, ainda, “a um conjunto de práticas sociais generalizadas em um determinado grupo, a partir das quais este grupo forja uma imagem de unidade e de coerência interna”, conforme Gomes (2001).

Tais práticas exprimem os valores e sentidos vividos pelo sertanejo e a delimitação de suas diferenças em relação a outros grupos.

Uma das características marcantes da cultura sertaneja é “a cordialidade, a hospitalidade e generosidade, sendo uma realidade presente na vivência do sertanejo, como atestam diversos estrangeiros que passaram pelo território norte mineiro, entre eles Auguste Saint-Hilaire, Richard Burton, George Gardner e James Wells” (COSTA, J., 1997).

Mas, após a vinculação da região à SUDENE, dentro da nova fase de expansão das relações capitalistas de produção, no bojo do modelo de internacionalização da economia e modernização da agricultura, a região sofreu e tem sofrido duramente as mudanças, provocando rupturas nas diversas formas de organização da cultura sertaneja, cujas características culturais até então eram eminentemente rurais. A Região passou por uma verdadeira revolução na sua organização sócio-espacial.

A riqueza e o poder que já eram concentrados em poucas mãos, necessariamente mais concentrados se tornaram com a modernização conservadora, exatamente por se aumentar a produtividade. Os latifúndios, considerados improdutivos, tal como prescreve o Estatuto da Terra de 1964, deveriam se modernizar, ou seja, se transformar em Empresas Rurais, não importando que sobre a mesma estrutura de propriedade concentrada da terra. Os incentivos governamentais sob a forma de isenção

fiscal ou de concessão de terras públicas, terras devolutas - Gerais, foram colocados à disposição de empresários que abraçaram essa ideologia modernizadora.

Assim, as terras das chapadas dos sertões do Norte de Minas se tornaram particulares, seja pelas mãos do Estado, através de contratos de concessão de uso para as grandes plantações de culturas homogêneas, especialmente do eucalipto e do pinus, seja pela apropriação de forma indébita.

A sociedade regional que, à sua moda, com suas próprias contradições e desigualdades – sociais, econômicas, políticas e culturais – determinava o que ia ser feito dos seus recursos naturais e de outras riquezas locais, vê tirado da Região o poder de determinar os seus destinos.

Tal processo, sendo violento, propiciou o empobrecimento e a perda de uma série de conhecimentos e práticas alimentares, medicinais e de trabalho, acarretando desagregação cultural violenta. As relações de vizinhança, de solidariedade, de compadrio, foram se enfraquecendo. E era isso que aproximava as pessoas: o cantar, a tradição festeira, alegre.

Contudo, ainda existem diversas formas de manifestação cultural na Região, constituídas por ciclos e caracterizadas pela presença de grupos organizados que expressam sua religiosidade e solidariedade através de rituais próprios do Natal, da Semana Santa, do mês de Maria, das Festas Juninas, das festas do Rosário e do Divino. Estes rituais são representados por vários grupos folclóricos como os Catopês, as Folias de Reis, as Pastorinhas, as Marujadas, os Caboclinhos, o Banzé, dentre outros.

Todas essas festas são apresentadas com seu caráter sagrado interpenetrado de características profanas, como descrito por Costa (1997).

As grandes empresas chegaram transformando imagens tradicionais da região, seja no nível ambiental, sócio-econômico ou cultural. A nova imagem implantada possui faces bastante contraditórias. De um lado, a face da produtividade e dos grandes empreendimentos, e por outro, a face da carência, da pobreza e da exclusão econômica, social e cultural.

A população sertaneja tornou-se cada vez mais carente. Carente da própria terra, do “jeito” tradicional de lidar com ela e, ainda, das condições mínimas de habitação, saúde e educação.

São homens e mulheres cercados pela tecnologia moderna e por novas relações sociais que se contrapõem a sua cultura e negam o seu jeito tradicional de produzir a vida. Ao mesmo tempo estão excluídos das novas relações que hoje os definem como carentes, desqualificados, no novo cenário das relações sociais mais amplas, ocupa-

ção incerta, subemprego ou desemprego num mercado cuja lógica impõe limites muito concretos às formas alternativas de sobrevivência, como nos informa Carneiro, G. (1997).

A sobrevivência é um permanente embate homem/natureza, homem/homem que, se enfrentando isoladamente, torna-se doloroso e, por vezes impossível. Assim, grupos de famílias se reúnem para viabilizar, com ajuda do Estado ou de ONG's, projetos que melhorem suas vidas ou, simplesmente, lhes possibilitem sobreviver.

Uma das formas mais marcantes de ajuda mútua que ocorre na Região é o mutirão, uma prática muito freqüente, já presente nas comunidades antes da chegada dos projetos e dos grupos de ajuda, sejam os do Estado, sejam os das ONG's, e modificada por eles ao inserir um outro sentido de organização comunitária, um fazer juntos diferente.

Carneiro, G. esclarece que,

A base da relação anterior é sempre aproveitada, mas a natureza dela é transformada. Afinal, há muita diferença entre eles se juntarem para ajudarem no plantio da roça de um, preservando a autonomia deste um na administração e uso de sua produção e o fato de, coletivamente, plantarem uma terra comum que exige uma administração e controle coletivos, com regras comuns que inibem a autonomia individual e forjam a necessidade de um controle de fora do grupo. (CARNEIRO, G., 1997)

Segundo Costa (1997), “o mutirão ao qual se recorre quando surgem tarefas que excedem a capacidade de trabalho da unidade produtiva familiar”, se caracteriza por ser uma atividade não remunerada “em que o convocador desse tipo de ajuda mútua deve, por obrigação moral, participar de outros mutirões e alimentar, durante a jornada de trabalho, todos os trabalhadores e supri-los de alimentos e bebidas ao término do dia”.

Adaptar-se, negar, resistir, demandar são práticas em permanente interação no dia-a-dia dos homens e mulheres do Norte de Minas.

Assim, vem ocorrendo o estabelecimento de uma outra cultura, cujos parâmetros foram definidos de forma exógena.

Portanto, a principal transformação que se verificou na cultura sertaneja foi decorrente da mudança do eixo da organização da vida na zona rural para a vida na zona urbana.

Para o sertanejo, o tempo anterior à urbanização da economia era um tempo de fartura e, aí vai ganhando contornos míticos.

Conforme Costa,

muitas povoações, por estarem frouxamente vinculadas às relações urbanas de produção, vivenciam ainda valores típicos do modo de viver sertanejo. Entretanto, em graus diferenciados procuram a vivência do modo urbano e capitalista de produção, que continuam produzindo transformações nas sobrevivências sertanejas ainda existentes.

Os pequenos produtores desejam e sonham com “coisas boas da cidade”, tais como, escolas, eletricidade, água encanada, postos de saúde e assistência médica.

Ao mesmo tempo em que demandam as benesses da modernidade e sua inserção nela, os sertanejos negam e resistem à destruição de sua cultura: crenças, festas, cantos e formas organizacionais e relacionais.

Este dualismo é sempre e, em todos os sentidos, muito presente na Região, fato que foi claramente observado e descrito por Aragão (2000), quando ele coloca que em Montes Claros, podemos perceber

os dois “lados” do “esbarrão” cultural principal de nossa história primeva. De um lado, açougues com carne de bode, chapéu de couro, farinha de mandioca, requeijão “do sertão” [...], típicos das feiras nordestinas. Do outro, carne de gado suína, chapéus de palha, farinha de milho [...], queijos curados e frescos “de minas”, tradição paulista”. [...] “Manifestamente, ‘mineiros’ desse espigão, despojaram-se já de aspectos decantados da misteriosa ‘mineiridade’. Os humores mais francos, o falar ‘arrastado’ e os dizeres, julgamentos e juízos francamente ousados em relação ao ‘padrão’ mineiro. Os gestos mais incontidos e o desafio agnóstico, a coragem manifesta para o enfrentamento tomam a precedência em valor sobre a contenção, a dissimulação e o não-engajamento. [...] são aptos às andanças, travessias-descobertas, guerrilhas, guerras sertanejas, postoreio. À democracia. (ARAGÃO, 2000)

E para finalizar, Aragão (2000) diz, ainda, que: “Montes Claros de Minas é museu a céu aberto da história social do Brasil, agasalhando em seu espaço, as duas faces antinômicas e hegemônicas de nossa formação social, relíquia do Brasil colônia e dos ‘caminhos de povoamento”’.

Considerações finais

Como já exposto, não se trata de tema inédito, pois já foi e ainda é objeto de reflexão de vários estudiosos brasileiros e, até mesmo, estrangeiros, nem tivemos, aqui a menor pretensão de esgotá-lo.

Da análise de obras de intelectuais diversos, percebe-se que, realmente a Região Norte de Minas apresenta uma organização sócio-econômica, política e cultural distinta, com uma identidade definível em relação às outras regiões do Estado e do país.

Não é possível pensar uma contribuição geográfica ao estudo da cultura e da construção da identidade regional ao observarmos somente as formas espaciais, esquecendo daquilo que lhes dá vida e sentido, ou seja, a maneira pela qual este espaço é vivido, valorizado e simbolizado. É preciso ver que a forma como as coisas, os objetos estão organizados espacialmente tem uma lógica, porém a rede de ações que se desenvolve em torno desta organização gera um novo produto, resultado desta relação entre a organização física e as práticas sociais que aí tem lugar.

Neste sentido, observa-se que uma das marcas das transformações na organização sócio-espacial da região Norte de Minas, nas quatro últimas décadas, foi o maior distanciamento entre o homem e a natureza. A apropriação das terras e das águas, da caatinga e dos cerrados, através da expansão capitalista visando o lucro, bem como, as famílias camponesas – sertanejas, e um grande número de pessoas dos núcleos urbanos menores se viram expulsas e levadas a migrar e a se assalariar, muitos lançados ao subemprego, ao desemprego e à marginalização social. Com tudo isto, a cultura sertaneja foi extremamente desestruturada, mas, ainda resistindo em muitos lugares.

Referências

ARAGÃO, Luiz Tarlei de.. A Oeste de Tordesilhas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 set. 2000. Suplemento Mais! p. 30-31.

ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da Mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, P. . *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CARNEIRO, Geralda V. N. F. B. O lugar e a vida de pequenos produtores. In: SANTOS, Gilmar R. dos (Org.). *Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das Ciências Sociais*. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997. p. 13-35.

CARNEIRO, Marina de F. B. *Organização Espacial de Montes Claros e a Região Norte de Minas*. 2002. 74 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CARNEIRO, Marina de F. B. O Regionalismo Mineiro. In: *Caderno Geográfico*, Montes Claros: Ed. Unimontes, v. 01, n. 03, p. 31-35., out. 1999.

CORRÊA, Oscar Dias. *Vozes de Minas*. Rio de Janeiro: Forense, 1988.

COSTA, João Batista de A.; MENDONÇA, Aline. *Ecosistema Grande Sertão: Verdades – As transformações culturais e a destruição do Norte de Minas*. Montes Claros: GEA, 1991. Mimeografado.

COSTA, João Batista de A. Cultura sertaneja: a conjugação de lógicas diferenciadas. In: SANTOS, Gilmar R. dos (Org.). *Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das Ciências Sociais*. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997. p. 77-97.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/SEPLAN-MG. *Estrutura Espacial do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 1998.

GOMES, Paulo César da Costa. A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). *Religião, identidade e território*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. As Minas e os Gerais: breve ensaio sobre desenvolvimento e sustentabilidade a partir da Geografia do Norte de Minas. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FÍSICA APLICADA. 7., Fórum Latino-Americano, 1., out. 1997, Curitiba. *Anais...* Curitiba: [s.n.], 1997. p. 244-260.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico*, 2000.

MARTIN, André R. *As Fronteiras Internas e a “Questão Regional” do Brasil*. 1993. 271 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

MARTINS, José de Souza. *Os Camponeses e a Política no Brasil – As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. Petrópolis: Vozes, 1983.

OLIVEIRA, Evelina A. F. de. *Nova Cidade, Velha Política: um estudo de poder sobre Montes Claros, M.G.*. 1994. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1994.

OLIVEIRA, Marcos F. M. de, RODRIGUES, Luciene (Orgs.). *Formação Social e Econômica do Norte de Minas*. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2000.

PAULA, Hermes A. de. *Montes Claros: Sua História, Sua Gente, Seus Costumes*. v. 1 Belo Horizonte: Minas Gráfica, 1979.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

REIS, Geraldo A. dos. Algumas considerações sobre o processo de desenvolvimento recente da Região Mineira do Nordeste. In: SANTOS, Gilmar Ribeiro dos (Org.). *Trabalho, Cultura e Sociedade no Norte/Nordeste de Minas: Considerações a partir das Ciências Sociais*. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.